

RECADO DE PARIS

1232
RUBEM BRAGA

PARIS, junho — Mme. Thérèse que já se ia conformando em ser chamada de da. Teresa, caiu doente. Mandou-me um bilhete com a letra meio tremula, falando em reumatismo. Dias depois apareceu, mais magra, mais palida e menor; explicou-me que tudo fora consequência de uma corrente de ar. Que meu apartamento tem uma "courant d'air" terrível, de tal modo que aquela tarde, chegando em casa, nem teve coragem de tirar a roupa, caiu na cama. "Dói-me o corpo inteiro, senhor, o corpo inteiro".

O mesmo caso, ajuntou, houve cerca de quinze anos atrás, quando trabalhava em um apartamento que tinha uma corrente de ar, exatamente igual a essa de que hoje sou sublocatário. Fez uma pausa. Fungou. Contou o dinheiro que eu lhe entregava, agradeceu a dispensa do troco. Foi lá dentro apanhar umas pobres coisas que deixara. Entregou-me a chave, fez qualquer observação sobre o aquecedor a gás — e depois, em lugar de ir embora, deixou-se ficar imóvel e calada, de pé, em minha frente. Repetiu a história da outra corrente de ar, a de 1935. Passou a mão pelos cabelos grisalhos — e me revelou que sua patroa de então, uma senhora forte, rica, bonita, de menos de quarenta anos, também fora vítima da corrente de ar. Outra pausa e acrescentou: morreu.

Vigiu um pouco minha surpresa, mas como eu não dissesse nada, queixou-se do frio. Tive um movimento de ternura por ela. Teresa: ofereci-lhe o cachecol que o pintor Caribé comprou para mim em Buenos Aires, onde — isso me ocorreu na ocasião — um cachecol tem o nome bastante pitoresco e vivo de "bufanda". Eu pensava apenas nisso, na palavra "bufanda", quando Mme. Thérèse voltou a 1935 e detalhou como sua patroa morreu depois de "atrapar" uma pneumonia devido à corrente de ar — igual a esta, senhor, igual. E uma mulher forte, nova...

Fiz uma pergunta desviacionista: era loura? Sim, loura, rosada. Meus olhos devem ter ficado tristes. Não há falta na praça de mulheres louras e rosadas, mas também não há tantas a ponto de devermos permitir que elas sucumbam assim, levadas pelo vento dos corredores. Fiquei calado. Então da, Teresa fez a seguinte pergunta:

— E a sua tosse, senhor, vai melhor?

Depois do que se despediu para sempre, com muitos agradecimentos; e desceu a escada com uma certa tristeza. Como sentisse que eu ficara a olhá-la da porta, voltou-se na primeira curva do caracol e me disse, suave como a minha mãe em Cachoeira de Itapemirim, que eu cuidasse da tosse — mas disse, "héias!" — sem esperança mais nenhuma.

15.6.50

Dona Teresa - B. A.